

RESISTIR

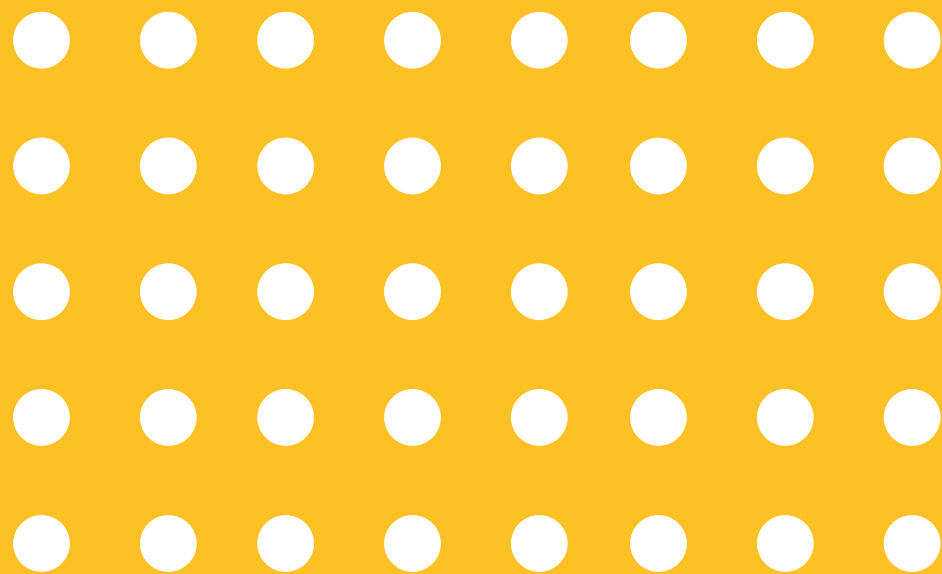


RECRIAR-SE

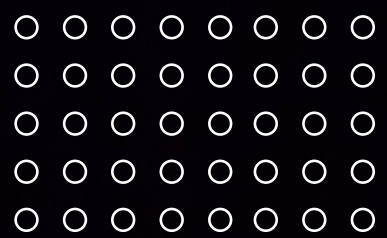
A travessia da Companhia
de Teatro Heliópolis
na volta ao convívio

Realização:





iniciado em fevereiro de 2022 e finalizado em junho de 2023, o projeto *COMPANHIA DE TEATRO HELIÓPOLIS 20(+1) ANOS DE (RE)EXISTÊNCIA* – contemplado pelo ProAC Editais (Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo) – teve como objetivos principais o aprofundamento das investigações cênicas mais recentes da Companhia de Teatro Heliópolis e o estabelecimento de diálogos com a comunidade de espectadoras e espectadores por meio de atividades abertas ao público, todas realizadas em sua sede, a Casa de Teatro Maria José de Carvalho: rodas de conversa conduzidas por pesquisadores de teatro, desmontagem comentada das peças do grupo, encontros de vivências de processo e oficina-montagem com uma artista convidada, além de uma exposição fotográfica sintetizando as mais de duas décadas de existência e produção artística na cidade de São Paulo.



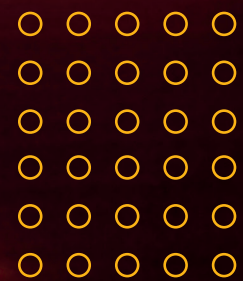
1 Experimento cênico

DISCURSO e BARBÁRIE





Ao longo de dezesseis meses, o núcleo artístico — formado pelos artistas Alex Mendes, Dalma Régia, Davi Guimarães, Miguel Rocha e Walmir Bess — manteve encontros semanais de aprimoramento técnico, com exercícios e práticas que têm caracterizado o trabalho da companhia já há anos, envolvendo corpo, coro, a criação de imagens corporais e possibilidades de composição. Após as temporadas e a circulação de *Cárcere ou porque as mulheres viram búfalos*, a última peça do grupo, já havia o desejo de iniciar um novo processo cênico e pesquisar a ideia de como os discursos acabam por autorizar ou mesmo legitimar atos muitas vezes extremos de violência. A vontade de todos





○ ○ ○ ○ ○
○ ○ ○ ○ ○
○ ○ ○ ○ ○
○ ○ ○ ○ ○
○ ○ ○ ○ ○
○ ○ ○ ○ ○
○ ○ ○ ○ ○

era criar um experimento de forma mais performativa, que emergisse das imagens geradas pelos corpos e por suas interações em cena, independentemente de um texto dramático, e articulasse canções e talvez algum tipo de narração em off. Os artistas partiram de discussões sobre temas da atualidade, baseando-se em artigos ou reportagens recentes, e em experimentações com gestos e movimentos. Embora não estivesse prevista a contribuição de um artista externo, a companhia conseguiu realizar alguns encontros com a atriz e preparadora corporal Erika Moura em busca da lapidação coreográfica.

O amadurecimento do processo tem sido gradativo, já que a previsão de estreia ainda parece distante. Porém, entre 15, 16, 17 e 18 de dezembro de 2022, o grupo fez sete apresentações do experimento cênico resultante da primeira etapa de pesquisas, batizando-o de *Quando o discurso autoriza a barbárie*. Após a última apresentação do sábado (17) e depois da última do domingo (18), os pesquisadores parceiros da Companhia de Teatro Heliópolis, Maria Fernanda Vomero e Alexandre Mate, respectivamente, conduziram uma roda de conversa aberta ao público a fim de comentar o experimento e relacioná-lo com a trajetória e os demais trabalhos do coletivo.



2 Investigar, na prática, O FAZER ARTÍSTICO





A companhia também promoveu, entre os dias 27 de fevereiro e 3 de março de 2023, uma atividade aberta a interessados/as em geral: o Workshop de Investigação Cênica, conduzido pela atriz, performer e instrutora de atuação Grazielle

Sena, que foi integrante do Open Program entre 2012 e 2021, sob orientação do ator e diretor italiano Mario Biagini, no Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards, um centro de pesquisa teatral localizado na cidade de Pontedera, Itália.



“O Workshop de Investigação Cênica consistiu em cinco dias de trabalho intensivo focados na integração dinâmica da voz, do corpo e do movimento, e os efeitos deste processo integrado na criação cênica. Através de uma abordagem prática, o trabalho fundamentou-se em instrumentos do ofício da atuação desenvolvidos ao longo de minha trajetória de uma década de treinamento e pesquisa no Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards”, conta a artista Grazielle Sena. “Foram realizados estudos cênicos com os quais cada artista pôde buscar a compreensão e o aperfeiçoamento desses instrumentos durante a elaboração e a criação de uma partitura cênica. Cada participante pôde, então, desenvolver seu ofício de acordo com seu engajamento e sua capacidade técnica, mas sobretudo o grupo se desenvolveu harmonicamente, gerou e cultivou perguntas sobre o fazer artístico, o que possibilitou uma interação viva e receptiva com o trabalho proposto. Durante a atividade, tive o prazer de me relacionar com artistas dedicados, que nutrem uma relação viva com a arte e a sociedade que habitam. Vida longa à Companhia de Teatro Heliópolis!”



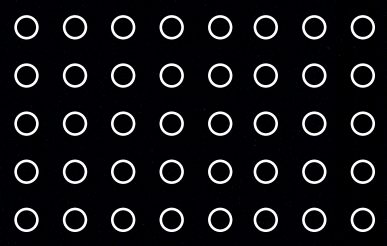
Depoimentos

“ Nesse ciclo de trabalho conduzido por Graziele Sena, tivemos a chance de despertar perguntas vivas sobre o trabalho com a performance. As canções e os textos ressoavam pelas paredes do espaço da Cia. de Teatro Heliópolis, casa construída com uma rigorosidade acolhedora e cultivada pela presença atenta e precisa de seus membros, com quem tivemos a oportunidade de intercambiar. O grupo de participantes reagiu às propostas desafiadoras de Graziele com uma enorme generosidade: uma curiosidade ativa que pareceu revelar certa chave criativa, ou uma porta para algo desconhecido, para uma antifórmula que garante um movimento de vida. ”

Guilherme Kirchheim, participante

“ A Cia. Heliópolis é um lugar especial. É possível sentir uma criatividade poderosa pendurada nas árvores quando se passa pelo pátio em direção ao espaço de trabalho. Na semana em que tivemos a oportunidade de estar com Graziele Sena e os participantes do laboratório, senti-me despertada pelo equilíbrio cuidadoso entre o que é conhecido e o que pode nos surpreender. Com a presença acolhedora e curiosa de cada membro do grupo, exploramos de forma colaborativa as ferramentas artísticas disponíveis no início de uma criação. Sinto-me com sorte por ter passado tempo com esse grupo de pessoas, aprendendo, cantando e observando. ”

**Katie Mazzini, participante estadunidense
(tradução do depoimento por Graziele Sena)**



3 Experimentar processos COM A COMPANHIA

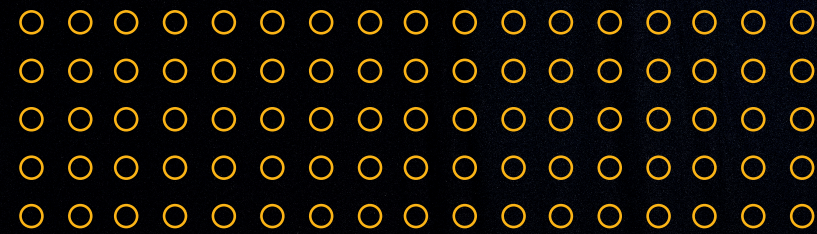




A fim de partilhar suas dinâmicas de criação, a Companhia de Teatro Heliópolis promoveu uma Vivência Artística com os integrantes do coletivo sob a direção de Miguel Rocha, atividade que ocorreu de 5 a 10 de junho de 2023, em encontros de três horas e meia cada. Os participantes vieram de diversas regiões da cidade de São Paulo, revelando a amplitude do interesse pelo trabalho da companhia. Dalma Régia responsabilizou-se pela organização dos encontros e pela recepção dos participantes; Alex Mendes participou dos exercícios com o grupo enquanto Davi Guimarães e Walmir Bess colaboraram com a condução do aquecimento

inicial nos dias da atividade. Segundo Miguel Rocha, a proposta principal da vivência era possibilitar às e aos artistas presentes a experiência de conhecer, na prática, alguns dos processos que sustentam as criações do grupo.

Os dois primeiros encontros foram dedicados aos exercícios iniciais de sensibilização pela música: reconhecimento de sensações, movimentações pelo espaço, respostas físicas às propostas de velocidade e ritmo etc. Como as diferentes paisagens sonoras alimentam o imaginário e possibilitam outras percepções do corpo na cena, com qualidades também outras: na finalização dos gestos, nos deslocamentos.



No terceiro dia, Miguel Rocha e os demais membros do núcleo artístico conduziram uma roda de conversa sobre o fazer teatral, os trabalhos realizados pela companhia, as dificuldades e conquistas de um percurso de mais de duas décadas e, sobretudo, sobre como se dá a criação teatral colaborativa e coletiva na

atualidade. Miguel propôs, então, uma tarefa para o encontro seguinte: a criação e apresentação de uma microcena de 2 a 3 minutos, com base no que havia sido conversado e naquilo que movia os participantes — seus desejos, suas vulnerabilidades e suas urgências —, considerando de que forma responderiam a isso em cena.



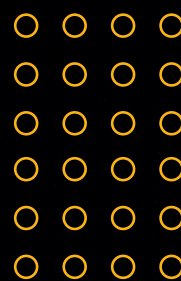
○ ○ ○ ○ A apresentação foi na quinta-feira, quarto dia de vivência. "Surgiram cenas muito interessantes, com perspectivas muito distintas de um artista para o outro", conta Miguel. "O material era muito diverso, porque o grupo reuniu pessoas muito diferentes, brancas, negras, de origens e trajetórias variadas." No encontro seguinte, Miguel Rocha pediu aos participantes que refizessem as cenas, mas com a orientação de que se atentassem às possibilidades

de relação entre os solos, às oportunidades de diálogo ou comunicação entre eles, na perspectiva de improvisar tessituras entre as cenas, combinando falas e música. "Buscamos trabalhar a junção dos solos, numa espécie de colagem, ou seja, partir das cenas individuais para chegar a uma construção poética em coletivo", diz Miguel. Na conversa que finalizou o trabalho do dia, a dinâmica indivíduo/coletivo permeou os debates da turma.





Por fim, no último encontro, retomou-se o trabalho da cena coletiva, com outras possibilidades de reorganização do material. “Foi bem instigante”, afirma Miguel Rocha. “Para nós, da companhia, a troca se mostrou muito importante. Perceber o que está movendo os outros artistas, como estão vivendo o momento atual e de que modo conseguem organizar poeticamente suas inquietações. Constatamos também que o trabalho da companhia se estende pela cidade e dialoga com gente de várias regiões de São Paulo.”



Depoimento

“Sou bailarino, professor de dança e morador da favela de Heliópolis desde que nasci. Tenho 23 anos. A vivência aconteceu de forma muito coletiva e democrática desde o início, pudemos conversar, dizer quem nós somos e de onde viemos e, durante o processo, pudemos compartilhar tudo o que estávamos sentindo e vendo.

O trabalho realizado trouxe consciência de nossa presença cênica e da energia necessária para estar em cena nas múltiplas possibilidades que isso engloba. Foi uma vivência desafiadora já que usamos muito a dança como caminho para entender esse estado cênico do corpo.

Houve momentos em que o cansaço parecia ser mais forte e a respiração acelerava, mas o direcionamento do diretor sempre apontava para permanecer na cena mesmo cansado e usar os recursos coletivos como ferramentas para driblar essas dificuldades.

Esses seis dias de vivência foram de muita escuta e atenção para tudo o que o corpo pedia. E a constância com que todo esse trabalho foi realizado foi muito importante, pois, quando chegamos nos últimos dias do processo, já estávamos sabendo lidar melhor com as problemáticas e ferramentas que surgiam no processo. Uma vivência desafiadora e que lembrava o tempo todo que o corpo de cena é algo a mais do que o corpo cotidiano até mesmo quando está parado.

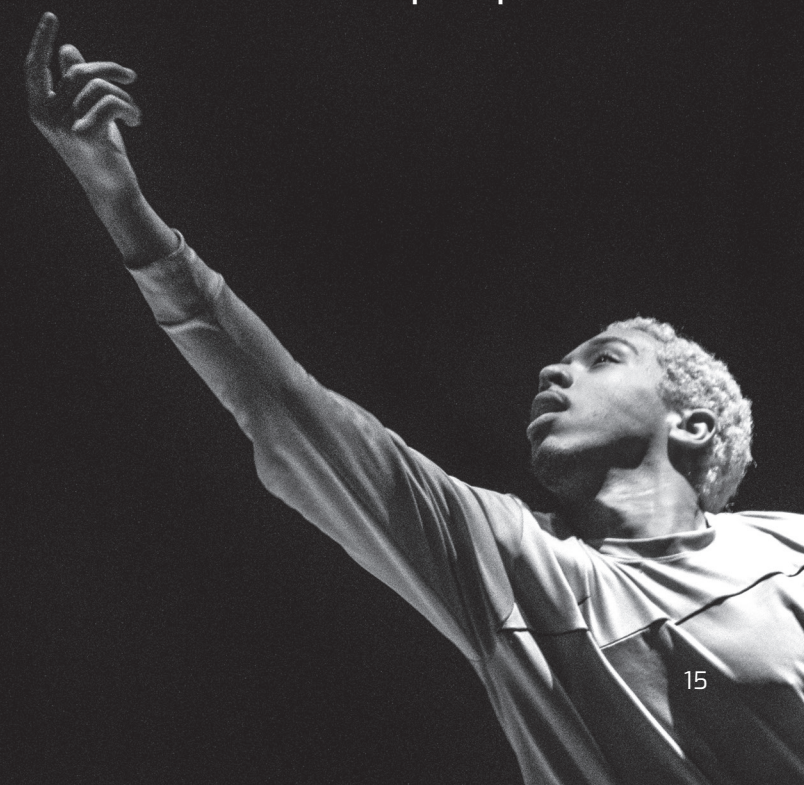
Pude aprender ainda mais que o corpo fala e de muitas outras formas. Pudemos escutar os sons que o nosso próprio corpo produz e trabalhar com isso. Pudemos explorar as possibilidades do corpo usando objetos e a resistência do corpo mesmo quando a mente já se dizia esgotada.

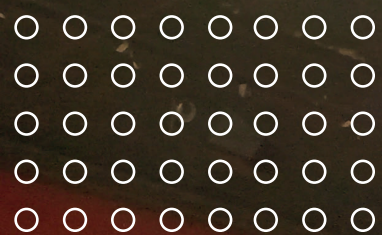
Ter esse contato com a Cia. de Teatro Heliópolis foi muito rico em aprendizagem e me fez até querer mais dias de vivências

e processos. Aumentou ainda mais minha admiração pelo trabalho feito ali, pois pude entender, mesmo que superficialmente, os processos que dão vida às obras!

Agregou mais conhecimento e sentido aos meus estudos em teatro, já que estou trabalhando para me aperfeiçoar como ator. Foi sensacional! ”

Matheus Carvalho, participante





4 Desmontagens CÊNICAS

A desmontagem cênica é um procedimento que desvenda o percurso criativo que originou determinada obra; por meio da mediação de um/a dos/as artistas participantes, são reveladas as inquietações éticas e estéticas, as escolhas e os materiais que constituíram o processo artístico. Em 14 de julho de 2022,

o pesquisador Alexandre Mate conduziu uma desmontagem sobre a peça *[IN]JUSTIÇA*. Em 1º de setembro do mesmo ano, a pesquisadora e provocadora Maria Fernanda Vomero apresentou a desmontagem cênica de *Sutil Violento*, logo após a apresentação do espetáculo. Ambas as atividades foram abertas ao público.

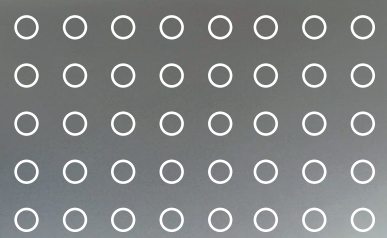


Depoimento

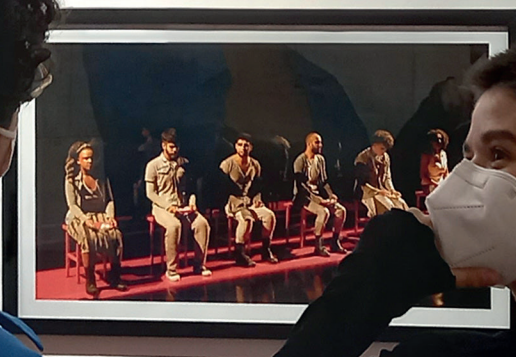
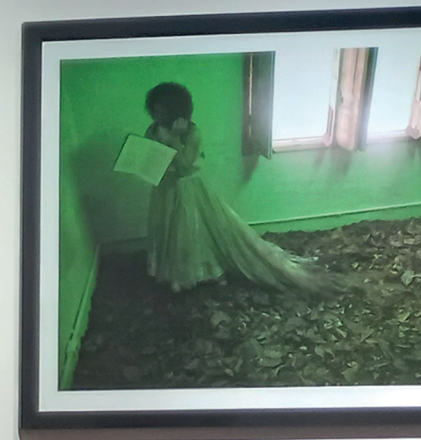
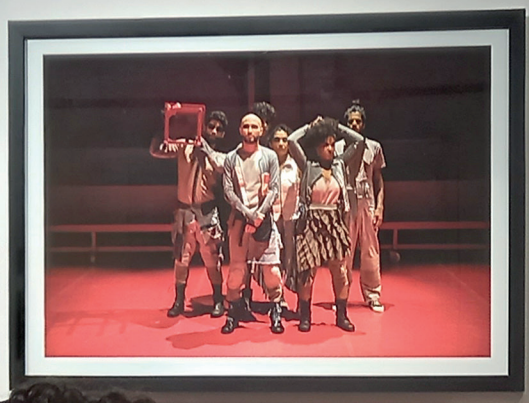
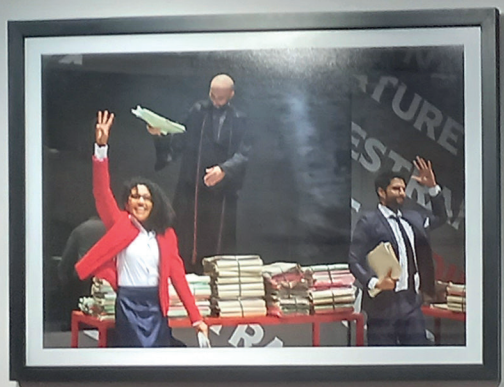


“O procedimento de desmontagem tem um caráter pedagógico essencial, pois permite a interlocução aberta com o público ao mesmo tempo em que convida as/os artistas envolvidas/os a refletir sobre seu trabalho cênico, já que se propõe a explicitar alguns dos caminhos teóricos e práticos que fundamentaram o processo de criação artística. No caso de *Sutil Violento*, propus – com o grupo – um diálogo tão crítico quanto performativo sobre o próprio percurso da montagem, partindo do contexto político em que a peça foi criada até as características do momento histórico de sua mais recente temporada e destacando propostas decisivas que surgiram no processo criativo, nas quais eu ou outros provocadores estivemos envolvidos, e que se concretizaram no espetáculo sob a forma de cenas ou disparadores cênicos.”

Maria Fernanda Vomero, pesquisadora e provocadora cênica

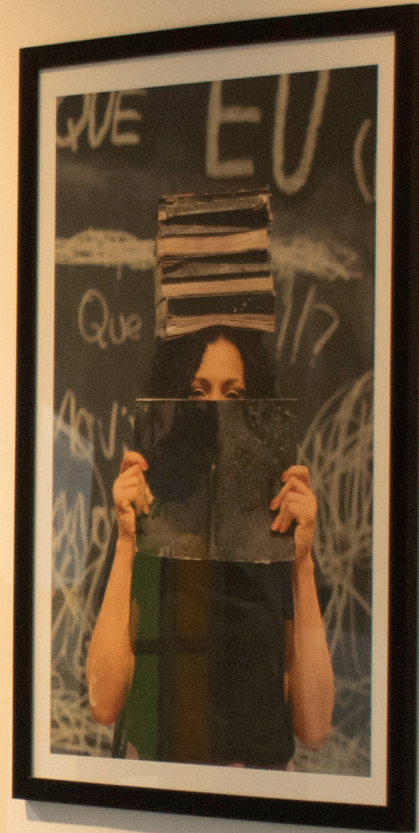
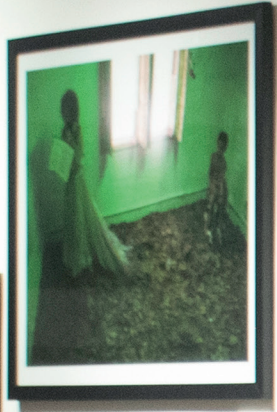
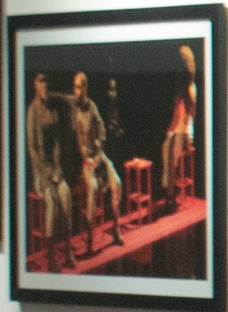


5 Percurso artístico EM IMAGENS





A exposição fotográfica *Companhia de Teatro Heliópolis 22 Anos*, cuja abertura ocorreu em 14 de julho de 2022, é composta por 36 quadros que narram visual e poeticamente o fazer artístico da Companhia de Teatro Heliópolis na cidade de São Paulo durante suas mais de duas décadas de atuação cênica. As imagens que fazem parte da mostra foram realizadas por oito fotógrafos: Bob Sousa, Donizete Bomfim, Geovanna Gelan, Leo Papel, Luzia Ferreira Lukanduchy, Rick Barneschi, Tiggaz e Weslei Barba.



Entrevista



O fotógrafo e designer Rick Barneschi, que contribuiu com três imagens para a exposição, conversou com Maria Fernanda Vomero, redatora desta publicação, a respeito de sua experiência com a Companhia de Teatro Heliópolis.

1. Quando e como você começou a fotografar a companhia?

RB: Conheci a Companhia de Teatro Heliópolis em 2017, quando acompanhava o processo de outro grupo de teatro do qual um dos atores da CTH fazia parte. Por meio das redes sociais, soube que estava em cartaz o espetáculo *Sutil Violento*. Na época, me intrigou o fato de a sede da companhia ficar próxima do meu endereço e eu não conhecer esse lugar. Quando assisti ao espetáculo, fiquei surpreso e encantado, pois, ao mesmo tempo em que revelava força através de uma linguagem visceral e contemporânea, trazia uma forma poética traduzida não só nas falas, mas também no cenário, na maquiagem, no figurino e na atuação do elenco em cena. Quando *[IN]JUSTIÇA* entrou em cartaz, para minha alegria, fui convidado a fotografar algumas apresentações. E, desde então, mantemos essa parceria muito prazerosa e produtiva.

2. Quais processos e/ou espetáculos você fotografou?

RB: O primeiro espetáculo que tive o prazer de registrar foi *[IN]JUSTIÇA*, que era provocativo, poético, profundo, com cenas que transbordavam emoção, como o final, por exemplo — ingrediente especial para uma boa fotografia cênica. Lembro-me de ter assistido a algumas apresentações antes de registrar, o que norteou escolhas mais assertivas do ponto de vista técnico (a escolha de lugar na plateia e os momentos expressivos de cada cena, por exemplo). Após um tempo, quando *Cárcere ou porque as mulheres viram búfalos* estreou, fui novamente convidado para registrar algumas apresentações e, desde então, esta relação de parceria vem se solidificando ainda mais. Atualmente, acompanho e registro o processo de *Quando o discurso autoriza a barbárie*.

Entrevista

3. Como tem sido fotografar a produção cênica da companhia? Refiro-me às suas impressões sobre o que emerge da cena: considerações temáticas, estéticas, de linguagem cênica etc.

RB: Fotografar a produção cênica da CTH tem sido, ao mesmo tempo, um processo muito rico e instigante. De maneira geral, os temas são abordados e construídos em cena de modo profundo, o que é claramente revelado por meio de todo o conjunto artístico (falas, figurino, iluminação, movimentos, composição visual, transição de cenas, trilha sonora etc.), convidando o público a fazer parte dessa emoção — posso citar como exemplo as vezes em que assisti a *[IN]JUSTIÇA* como espectador. Há uma atenção cuidadosa, minuciosa e notória em cada detalhe, uma forma de transmitir a força dos temas por meio de uma linguagem poética e contemporânea. Posso exemplificar a linguagem visual e estética de *Cárcere*

pela iluminação: as camadas de luz que recortavam os elementos nos convidavam a transitar por eles. Outros exemplos: a maquiagem e o figurino dos atores em *Sutil Violento* traziam uma linguagem bem contemporânea, o que me impactou de imediato; a dinâmica

de cena da fila do jumbo em *Cárcere*; a cena final de *[IN]JUSTIÇA*, em que Cerol, quando criança, aparece observando os Orixás (*abaixo*). Eu, particularmente, considero esta última passagem muito especial, pois, por meio da simplicidade e da leveza dos elementos cênicos, da



Entrevista

iluminação e dos vocais, a cena alcança outro grau de emoção. São muitos os exemplos que reforçam este poder de impacto através do conjunto estético e visual.

4. O que você busca capturar? Há diferença, do ponto de vista da imagem e do fotógrafo, entre fotografar processo, ensaio ou peça com público?

RB: Há uma relação perceptiva e dinâmica que se molda de acordo com cada espetáculo. Cada peça traz em si sua essência, sua própria identidade e suas emoções particulares. Existe, da minha parte, um olhar que permeia as camadas, vasculha e transita pelas cenas, e que se faz presente sem que eu esteja fisicamente presente na cena; a observação atenta por seus movimentos, interações, emoções, questionamentos etc., de forma a expressá-los por meio da imagem. Muito além do domínio técnico, há a necessidade de mergulho pela percepção. Do ponto de



vista perceptivo, busco captar a atmosfera, a "alma" em cena, independentemente de ser um processo, um ensaio ou uma apresentação ao público. Do ponto de vista técnico, a presença dos espectadores e a configuração física do local da apresentação determinam

outra dinâmica. Sem público, há uma maior mobilidade física, é possível explorar outros ângulos; com a presença do público, porém, são feitas escolhas de lugares estratégicos — sempre em decisão conjunta com o diretor —, nos quais na maioria das

Entrevista

vezes permanecemos estáticos, com o cuidado de escolher o momento exato de cada registro.

5. Entre a imagem cênica e a imagem fotografada, o que se ganha, o que se perde? Algum exemplo?

RB: Quando falamos em perdas e ganhos, a fotografia de cena não é a cena em si, mas se torna uma representação dela. É um instante efêmero (que também pode ser breve e/ou sutil), congelado, que traz a síntese por meio da imagem. A fotografia em si não comporta a fala e o movimento em sua totalidade, mas congela instantes específicos, que captam, representam e reforçam a atmosfera e a emoção da cena. Mas há também momentos em que há ganhos, pela exploração das camadas de detalhes da cena, dialogando com a iluminação, as expressões, o movimentos dos corpos etc. No caso de planos mais fechados, fazendo recortes, é possível ter ganhos

no sentido de instigar o observador a criar uma continuidade visual da cena a partir do fragmento em questão. Como exemplo, posso citar uma das cenas de *Cárcere*, em que após um motim no presídio os corpos aparecem amontoados por um instante. Quando recortamos um fragmento da

imagem desse conjunto de corpos (*foto abaixo*), isso dá a possibilidade de o observador recriar visualmente uma continuidade desses corpos com base nesse recorte, permitindo que o evento ganhe uma dimensão maior e assim intensifique seu impacto.



FICHA TÉCNICA

Redação e revisão: Maria Fernanda Vomero


Projeto gráfico e diagramação: Rick Barneschi

Fotos: Acervo Cia. de Teatro Heliópolis (caps. 1, 2, 4; págs. 18 e 19); Carola Monteiro (pág. 17); Rick Barneschi (cap. 3; págs. 15, 20-24)



Casa de Teatro Maria José de Carvalho

Endereço: Rua Silva Bueno, nº 1533, Ipiranga/SP - Brasil

: 55(11) 2060-0318

   ciadeteatroheliopolis

 <http://ciadeteatroheliopolis.com>